

A ABORDAGEM DO *BLOG* NO LIVRO DIDÁTICO

Layane Juliana Avelino Silva¹

Verônica Maria De Araújo Pontes²

RESUMO: Este trabalho reflete parte dos resultados de uma pesquisa que buscou analisar a abordagem dos gêneros da Internet no livro didático. Objetiva-se analisar os enunciados que caracterizam o *weblog* como ferramenta quando o classificam como gênero digital. Toma-se como pressupostos teóricos acerca dos gêneros discursivos a teoria de Bakhtin (2003), e Miller (2012) a respeito dos gêneros da Internet. Os resultados indicam que o *blog* é considerado como gênero da Internet pelos autores do livro didático, no entanto a descrição de suas características o concebe como uma ferramenta de divulgação de outros gêneros.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros Discursivos. Gênero da Internet. Blog. Livro didático.

Considerações iniciais: os gêneros da internet canonizados pelo livro didático

Os gêneros discursivos da Internet começaram a aparecer nos livros didáticos nos primeiros anos do século XXI. As pesquisas mostram análises que buscaram identificar a presença desses gêneros nos materiais didáticos, uma vez que, nesse período, muito se falava sobre a influência das Tecnologias da Informação e Comunicação e da Internet nas práticas de linguagem dos alunos.

Reconhecemos que os discursos que permeiam o ensino de gêneros da Internet na sala de aula ainda estão presos a certos cânones. Os livros didáticos ainda estão sugerindo os gêneros mais conhecidos e mais trabalhados nas propostas de ensino como o *e-mail*, *blog* e o *chat*.

Com o propósito de entender como estão os estudos acerca de nossa temática, buscamos por pesquisas que identificaram a presença do *e-mail*, *blog*, *chat* como gêneros digitais em livros didáticos e encontramos alguns trabalhos que analisaram livros didáticos de línguas estrangeiras e outros que se dedicaram aos gêneros nos livros de língua portuguesa, com bastante ênfase nos anos finais do ensino fundamental.

¹ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Especialista em ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: layaneavelino@hotmail.com

² Professora Adj. IV do Departamento de Educação da UERN, lecionando no Curso de Pedagogia, no Mestrado em Ensino e no Mestrado e Doutorado em Letras. E-mail: veronicauern@gmail.com

No âmbito da língua estrangeira, destacamos o trabalho de Dias (2015) cujo objetivo foi observar e descrever como os gêneros da Internet são remidiados³ para o material impresso do ensino médio de língua inglesa enfatizando que esses gêneros entram nos livros didáticos não só como objetos de ensino, mas também como uma representação de uma mídia em outra mídia. Dias (2015) concluiu que a remediação do gênero do meio digital para o livro didático de língua inglesa é uma maneira de assegurar que a acessibilidade ocorra, mesmo que não se tenha garantia. Os gêneros citados na análise do *corpus* desse trabalho foram *e-mail* e *blog*.

No âmbito do ensino de língua portuguesa, as pesquisas sobre gêneros da internet em livros didáticos encontradas têm seu início entre os anos de 2007 e 2009, mas é perceptível que atualmente ainda existem novas razões que motivam o surgimento de novos estudos sobre esses gêneros em materiais didáticos. Destacamos inicialmente a pesquisa de Barbosa (2009) que analisou o tratamento dispensado aos gêneros da internet em três coleções de língua portuguesa das séries finais do ensino fundamental, aprovadas pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) na época, observando que havia um reconhecimento das ferramentas da internet, buscando reconhecer os vocabulários utilizados e estruturas composicionais dos gêneros em comparação aos gêneros discursivos impressos (*e-mail*/carta e *blog*/diário). Desse modo, a autora confirmou a presença do que ela chamou de gêneros digitais, ainda que de forma inexpressiva.

Caiado (2011) e Silva (2012) representam as pesquisas mais atuais em relação ao tema, ambas voltadas à análise de livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental. Caiado (2011), em sua tese de doutorado, faz um estudo acerca das novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) em livros didáticos de língua portuguesa. Para isso, analisa oito coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª séries aprovadas pelo PNLD de 2005 e 2008. O foco do estudo I era identificar as partes que faziam menção à utilização e/ou presença das TDIC, desde textos retirados da internet a textos e filmes que falam das TIC. Uma das categorias que nos interessou na pesquisa é a “Produção

³ Dias traz a contribuição de Bolter (2002) para falar de remediação, cujo processo consiste “das velhas mídias sendo representadas pelas (nas) novas mídias”. (BOLTER, 2002 apud DIAS, 2015, p. 9).

de e-gêneros”, textos escritos que pertencem aos “gêneros digitais”. Para esta categoria, apenas nas coleções de 2008 foi constatado 3,7% de ocorrência, um percentual ainda escasso e constatou-se também que as atividades de produção de gêneros não privilegiavam as propriedades dos e-gêneros. A maior recorrência se deu em propostas que utilizavam a internet apenas como fonte de referência dos textos utilizados.

Silva (2012), por sua vez, verificou a incidência de gêneros discursivos digitais e não digitais em quatro coleções de 6º ao 9º ano dos livros aprovados pelo PNLD 2011, porém focamos apenas nos gêneros da internet. Em suas conclusões, a pesquisadora aponta como ponto fraco das coleções a ênfase nos conhecimentos gramaticais descontextualizados. Mesmo observando a predominância dos gêneros *e-mail* e *blog*, Silva (2012) constatou que não há ocorrência significativa de trabalho com gêneros da internet, ainda assim uma das coleções analisadas traz textos retirados da internet com sugestões de *sites* e estrutura composicional de um texto digital. Nesse ponto, porém, discordamos da autora quando considera gênero digital todo o texto que possui referência da internet e apresenta-se em uma caixa padronizada que possui os símbolos de minimizar/maximizar e fechar, visivelmente adaptada para inserir o texto no livro didático.

As pesquisas com foco nos materiais didáticos no ensino médio se mostraram pouco expressivas, entretanto citamos duas das quais pensamos trazer boas contribuições para esta pesquisa. A primeira foi a de Araújo (2013) na qual buscou observar com que frequência os gêneros digitais estão presentes nos materiais didáticos do ensino médio e o modo como eles são tratados. Assim, analisou 10 coleções de Língua Portuguesa, totalizando 16 volumes. Os gêneros identificados foram: *e-mail*, *chat*, endereço eletrônico, *blog*, fórum e cartão-postal virtual. Os livros apresentaram o *e-mail* comparando-o à carta, assim como o *blog* foi comparado ao diário pessoal. Esses gêneros eram apresentados, mas não houve discussão sobre suas características. Em um livro específico, o *blog* foi sugerido para a exposição de uma atividade, mas sua linguagem e a dinâmica envolvida em sua construção não foram exploradas.

A segunda pesquisa que observamos foi Oliveira (2014) na qual também analisou uma coleção de Língua Portuguesa para o ensino médio e buscou observar quais eram os gêneros da internet presentes nos livros, as atividades que

os envolviam e o espaço destinado a eles, este último critério está relacionado ao modo como os gêneros foram abordados. Os gêneros identificados nesse estudo foram *e-mail*; *blog*; bate-papo; *podcast*; *homepage*; infográfico; artigo expositivo de livro ou de *site* didático e artigo enciclopédico de saúde. *MSN*, *Facebook*, *Orkut*, *Google* e *Twitter* foram mencionados em textos ou ilustravam as atividades.

As constatações de Oliveira (2014) mostraram que os gêneros da internet quase não foram explorados em atividades, e que, na maioria das vezes, ou foram apenas mencionados, ilustraram artificialmente; ou foram concebidos como suportes de outros gêneros (*e-mail* como suporte da carta de reclamação e o *podcast* como suporte do debate); ou ainda apareciam como pretextos para análise de aspectos gramaticais ou para interpretação.

Ao fazermos esse levantamento, constatamos a grande representatividade do *e-mail*, e do *blog* como a principal referência dos chamados gêneros digitais nos livros didáticos.

Ao analisarmos a abordagem dos gêneros da internet em um livro didático do ensino médio em nossa pesquisa de mestrado (AUTOR, 2017), observamos a caracterização do *blog* como gênero digital. No entanto, a abordagem sobre ele parece conferir ao *weblog* mais o *status* de ferramenta do que de gênero discursivo.

Com base nesta problemática, pretendemos aqui analisar a abordagem do *blog* considerado como gênero pelo livro didático *Português: linguagens* de Cereja e Magalhães (2013) do ensino médio. Objetivamos, portanto, identificar e analisar os enunciados do livro que conferem ao *blog* um *status* de ferramenta ou suporte de divulgação.

Nossos pressupostos teóricos a respeito dos gêneros embasam-se em Bakhtin (2003) e sua teoria dos gêneros do discurso. A respeito dos gêneros da internet e sobre a concepção do *blog* como ferramenta, tomamos o trabalho de Miller (2012) para nortear a discussão. A análise descrita neste artigo reflete parte dos resultados de nossa pesquisa de mestrado desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e ao Grupo de Pesquisa Literatura, Tecnologias e Novas Linguagens da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em 2017.

A pesquisa analisou o livro 1 da coleção *Português: linguagens* dos autores Cereja e Magalhães (2013), pois se trata da coleção do Programa Nacional do Livro

Didático do Ensino Médio (PNLDEM) que aparece liderando o *ranking* de distribuição no último programa (2015) anterior à pesquisa (AUTOR, 2017). A escolha do livro 1 se deu porque foi o único em que foram encontradas abordagens sobre gêneros da internet, nomeados pelos autores do livro como “gêneros digitais”.

Weblog: gênero ou ferramenta?

Marcuschi (2008) chamou atenção para os gêneros mais praticados do que ele denominou de mídia digital: “os *e-mails*, os *chats* em todas as modalidades, lista de discussão e *weblogs* (diários).” (MARCUSCHI, 2008, p. 202). Para este autor, os *blogs* “são os diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos.” (MARCUSCHI, 2010, p. 35).

A caracterização desses gêneros como os mais praticados pode ser o discurso que justifica o motivo pelo qual os livros didáticos, quando abordam os gêneros da internet, trazem com mais frequência esses gêneros mencionados por Marcuschi (2008).

Silva e Barbosa (2015, p. 27), por exemplo, analisaram os gêneros digitais presentes em livros didáticos de Língua Portuguesa no ensino médio e constataram que os livros analisados “exploram principalmente os gêneros considerados prototípicos da esfera digital (o *e-mail* e o *blog*)”. Em alguns pontos, porém, discordamos desses autores. O primeiro ponto diz respeito a considerar o *blog* como gênero. Os avanços permitidos pelas Tecnologias da Informação e Comunicação e pela Internet nos permitem dizer que o ambiente em que o *weblog* é produzido e as diferentes funções que ele assume atualmente têm nos confundido com os elementos que constituem os gêneros discursivos. O segundo ponto que discordamos de Silva e Barbosa (2015) é sobre a denominação “esfera digital”. Corroboramos que encontramos inúmeras esferas de atividade humana na Internet, sendo improvável a existência de uma única esfera. A Internet produz ambientes diversos e neles estão várias esferas, produzindo seus diferentes tipos relativamente estáveis de enunciados como nos diz Bakhtin (2003).

Outros autores também consideram o *blog* como gênero discursivo. Caiado (2005), por exemplo, aborda as propriedades do *weblog* e divide-as em: forma de apresentação, o estilo, a temática dos textos e a função própria do gênero.

Segundo a forma, os *blogs* possuem formatos bem similares uns dos outros, a partir do momento em que se cria uma ferramenta de fácil manuseio, até mesmo por aqueles que não dominam a linguagem e ferramentas da HTML. Os *posts* são as publicações dos usuários, geralmente curtos e informais, na página do *blog* e são identificados pelo “cabeçalho datado, hora da publicação e link permanente” (CAIADO, 2005, p. 31).

Nesse trabalho, a autora destaca a presença dos espaços para comentários dos leitores dos *blogs*, o que enfatiza a interatividade entre os participantes, apontando ainda para a característica composicional *weblog*, pois há nele a convivência harmoniosa entre escrita, imagens, animações e sons compondo a sua forma.

Sobre a função, Caiado (2005) conclui que a função sociocomunicativa primeira do *blog* é registrar diferentes informações: opiniões, posições políticas, críticas, viagens, cotidiano etc. Com esses registros, os bloguistas almejam a interação com os leitores de suas páginas, a fim de obter opiniões sobre o que escreveu. Dessa forma, segundo a autora, a função do *blog* passa a ser “registro interativo na *web*”. Caiado (2005) acredita que embora o *weblog* tenha sofrido diversas transformações desde sua existência, ele manteve a sua essência: “é um gênero discursivo/textual que permite ao usuário ‘registrar na rede’.” (CAIADO, 2005, p. 33).

Acerca do estilo do gênero *blog*, Caiado (2005) conclui que o estilo de cada autor do gênero vai depender da temática escolhida em cada postagem, do tipo do *blog* que ele queira construir e também do interlocutor para o qual sua escrita se direciona; este último visto como “peça fundamental na relação dialógica que se estabelece neste gênero e o co-responsável pelo estilo a ser adotado.” (CAIADO, 2005, p. 34).

Por fim, Caiado (2005, p. 35) apresenta a propriedade da temática nos *weblogs* cujas características podem ajudar a identificar as diversidades do gênero: “Daí a importância de se ter uma ideia sobre o conteúdo presente nos *blogs*, como

forma de identificação do subtipo.”. Com isso, a autora salienta a dificuldade de classificação desse gênero, uma vez que são repletos de conteúdos diversos.

O trabalho de Caiado (2005) traz de forma significativa a abordagem dos elementos tema, estilo e construção composicional defendidos por Bakhtin (2003). Porém, as novas exigências sociais e os novos mecanismos que o meio tecnológico e a Internet proporcionam têm feito muitos estudiosos repensarem o *status* de gênero para o *blog*. (AUTOR, 2017). A dificuldade observada por Caiado (2005) para classificar como gênero o *weblog*, a partir de seus diversos conteúdos, pode se justificar pela problemática identificada por Miller (2012) ao observar o propósito, função e o valor como ação social do *blog*. Segundo ela, “é quando os blogueiros discutem o propósito do *blog*, sua função e seu valor como ação social, envolvendo os retores e as audiências, que a natureza do *blog* genérico torna-se problemática.” (MILLER, 2012, p. 70). Segundo Miller (2012), os diferentes retores (jornalistas, adolescentes, a comunidade *high tech*, por exemplo) possuem novas exigências e essa demanda pode possibilitar ao *blog* sua evolução para gêneros diversos.

O *weblog* vem sendo tratado como gênero a partir de sua relação com o gênero diário, gênero este que transmitiu ao *blog* muitas de suas características semânticas, sintáticas e pragmáticas, sobretudo ao *blog* pessoal. (MILLER, 2012). Todavia, Miller (2012, p.85) diz que “o software do *blog* já está sendo adaptado para atender a diferentes exigências e pode já não ser mais tão exato pensar no *blog* como um gênero único.”.

De acordo com Autor (2017), atualmente os *blogs* atendem a diversos propósitos, às diversas esferas de atividade humana. Os usuários buscam os meios através dos quais podem realizar diferentes objetivos comunicativos na Internet e o *blog* já não pode ser comparado exclusivamente ao gênero diário, pois existem *blogs* jornalísticos, políticos, esportivos, e muitos outros tipos.

Miller (2012) discorre sobre as três fases dos *blogs* percebidas através das mudanças na *blogosfera*. A terceira delas, a atual, surgiu com o aparecimento das redes de relacionamento. As tecnologias permitem aos usuários a produção e o compartilhamento de informação, o que possibilita novos níveis de interatividade. Assim, o *blog* não desaparece, mas ganha outra proporção. (MILLER, 2012).

Através dos *blogs* podemos produzir notícias, receitas, publicar planos de aula, sequências didáticas, projetos, vídeos, músicas, fotos, links, anúncios: uma

infinidade de gêneros, que “parece claro agora que o *blog* é uma tecnologia, um meio, uma constelação de recursos – e não um gênero.” (MILLER, 2012, p. 109).

É importante salientarmos que não concebemos essa discussão como acabada. Corroboramos com Autor (2017, p. 45) quando afirma que “seria inútil tentar estabilizar concepções que podem vir a ser discernidas de outra maneira posteriormente.” Talvez esse tenha sido o erro ao tomarmos como verdade absoluta, em outra época, as concepções que consideravam o *blog* um gênero discursivo, sem ao menos questioná-las. Há muitos pesquisadores para os quais o *blog* ainda é considerado gênero, eles possuem diferentes argumentos para sustentar essa tese. Para esta pesquisa, porém, o *weblog* é uma tecnologia, uma ferramenta e nela circulam e são produzidos diversos gêneros discursivos.

Por isso, salientamos que na Internet estão disponíveis várias ferramentas, tecnologias, redes de relacionamento, ambientes diversos e sua existência, manutenção, produção e gerenciamento estão condicionados ao meio (o *blog* é uma dessas tecnologias), e atendem às diversas esferas de atividade humana – é nesse grande espaço que surgem inúmeros gêneros discursivos os quais chamamos de gêneros da internet.

A abordagem do *blog* no livro didático

Os gêneros discursivos da internet foram identificados em um dos 11 capítulos do livro 1 da coleção *Português: linguagens* de Cereja e Magalhães (2013). Chamados de “gêneros digitais”, os gêneros aparecem apenas em uma seção de Produção de texto, cujo título é: “Hipertexto e gêneros digitais: o *e-mail*, o *blog* e o comentário.”. A partir da análise do espaço dedicado ao *weblog*, pudemos observar que mesmo sendo concebido pelos autores como gênero digital, a discursividade presente no capítulo nos permite entendê-lo mais como uma ferramenta de divulgação do que como um gênero discursivo.

Hipertexto e gêneros digitais: o *e-mail*, o *blog* e o comentário

Com o surgimento e a popularização da Internet, alterou-se profundamente a noção de texto. Na Internet, o processo de ler ou escrever um texto deixou de ser linear, ou seja, da esquerda para a direita e de cima para baixo, um procedimento de cada vez. O internauta pode, simultaneamente ao processo de leitura de um texto, acessar *links*, ler outros textos, ouvir música, examinar imagens e planilhas, redigir *e-mails* e, finalmente, voltar a ler o texto que foi o ponto de partida para uma série de operações e de interações pela Internet.

A essas múltiplas possibilidades oferecidas pelo texto digital, que envolve uma nova forma de acessar, produzir e interpretar informações, chamamos *hipertexto*. Assim, *hipertexto* exprime a ideia de leitura e escrita não linear de texto, em um contexto tecnológico, mediado pelo computador e pela Internet.

A Internet permite ainda que os internautas, além de fazerem facilmente leituras simultâneas e não lineares, produzam e disponibilizem seus próprios textos na rede para a leitura de outros usuários. Assim, todos podem expressar seus pontos de vista, postando textos, vídeos e fotos em *sites* diversos: páginas de grandes jornais do país, YouTube, fóruns de discussão, páginas pessoais, como os *blogs*, ou perfis em redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*.

Entre os gêneros textuais que são produzidos e circulam na Internet, estão o *e-mail*, o *blog* e o comentário.

Figura 1: Introdução ao capítulo sobre gêneros da internet
Cereja e Magalhães (2013, p. 172)

Neste texto introdutório apresentado pela Fig. 1, observamos que ao mesmo tempo em que considera o *blog* como gênero digital, os autores o reconhecem como uma “página pessoal” em que os internautas podem “[...] expressar seus pontos de vista, postando textos, vídeos e fotos [...]” (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 172). Ele é comparado a *sites* como *Youtube* e *Facebook*.

O BLOG

O *weblog*, mais conhecido como *blog*, era, no princípio, uma espécie de diário virtual, usado quase que exclusivamente por jovens interessados em relatar fatos de seu cotidiano, pensamentos, observações, opiniões e em se relacionar com outros internautas. Com o tempo, os *blogs* foram se

tornando a ferramenta ideal não só para a divulgação de ideias pessoais, mas também para a divulgação de notícias, de textos sobre política e cultura, pesquisas, negócios, debates, publicidade, etc. Enquanto montar um *site* exige ter conhecimento de programação de computadores ou pagar por essa assessoria, criar uma página na rede é simples e rápido. Há diversos programas de hospedagem de *blogs* disponíveis gratuitamente na Internet. Um dos mais acessíveis e bastante procurado pelos iniciantes é o Blogger (blogger.com). Depois de acessá-lo, o usuário preenche um formulário com nome, e-mail e contatos, escolhe um visual para a página e lhe dá um nome. Quinze minutos depois, já pode publicar seus textos na Internet. Além dos textos, os *blogs* comportam fotos e, em alguns casos, vídeos. Além dos *blogs* individuais, que são mais comuns, existem também os *blogs* comunitários, nos quais todos os membros de determinado grupo podem editar textos e participar deles como autores.



Blog: história sem fim

Os *blogs* levam às últimas consequências dois princípios da Internet. Um deles é a interatividade. Cada texto postado num *blog* vem acompanhado de uma janela para que os leitores façam comentários, o que torna essas páginas espaços de debate por excelência. O outro é a formação de comunidades que vão se ampliando e se sobrepondo. Os *blogs* são interligados uns aos outros por meio de links – os atalhos que permitem ao usuário saltar entre as páginas da Internet. Assim, um texto publicado num *blog* que isoladamente não atrai grande número de leitores pode de repente se espalhar de maneira exponencial. Quanto mais um *blog* é recomendado pelos similares, mais ganha status. Da mesma forma, o blogueiro que participa das discussões em páginas de terceiros acaba, por tabela, divulgando a sua própria. [...]

(Veja, nº 1907)

Os *blogs* possibilitam aos leitores fazer comentários sobre os *posts* dos autores, manifestando concordância, discordância, acrescentando informações, fazendo sugestões de tópicos para novos *posts*, etc.

Figura 2: abordagem sobre *weblog*
Cereja e Magalhães (2013, p. 175-176)

Na parte dedicada à abordagem do *blog* (Fig. 2), os autores trazem inicialmente uma breve análise histórica, relacionando-o ao diário virtual. No princípio, o *blog* era usado para relatar diversas informações pessoais na rede: pensamentos, opiniões, fatos do cotidiano etc., mas “com o tempo, os *blogs* foram se tornando a **ferramenta** ideal não só para divulgação de ideias pessoais, mas também **para a divulgação de notícias, de textos sobre política e cultura, pesquisas, negócios, debates, publicidade, etc.**” (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 176. Grifos nossos).

Após essa primeira abordagem, os autores trazem um *box* intitulado “Blog: história sem fim”. Esse espaço fala sobre os dois princípios da internet que são possíveis através do *blog*: a interatividade e a formação de comunidades. Percebemos, no entanto, que o intuito dessa passagem é trazer para discussão o espaço destinado aos comentários dos leitores, discussão esta que introduz o tratamento do comentário concebido pelos autores como gênero digital presente em *sites* de revista, jornal e em *blogs*.

Sem dúvidas, concordamos com o que é postulado por Miller (2012) acerca das características do *blog* que possibilitaram seu reconhecimento como gênero. Essas características advêm de sua ancestralidade. Ele herdou de seus gêneros ancestrais sua organização. “Os múltiplos ramos dessa árvore genealógica ancestral dão conta das principais características dos *blogs* – semântica, sintática e pragmática.” (MILLER, 2012, p. 83), por isso ainda é constantemente concebido como gênero.

A abordagem do livro didático evidencia a dificuldade em distinguir um gênero do meio, questão reconhecida por Miller (2012, p. 109): “o gênero e o meio, a ação social e a sua instrumentalidade cabiam tão bem que pareciam ser contérminos, e tornou-se fácil confundir um com o outro – e confundimos!”. Ao passo que as tecnologias através da Internet foram evoluindo, vários gêneros surgem no mesmo ambiente; o que torna cada vez mais difícil distingui-los do meio.

Diferente dos outros gêneros considerados pelos autores do livro como digitais, a abordagem do *blog* não apresentou questões para análise com base em exemplos reais, nem sugestões para produção de texto. Essa observação nos permitiu entender que ele foi trazido com o objetivo de abordar o gênero *comentário online*. Não conseguimos compreender o motivo pelo qual os autores justificam essa postura. No entanto, parece-nos que o *blog* é considerado pelos autores uma prática que não interessa aos jovens alvos da proposta do livro, motivo este que justifica o texto exposto pela Fig. 3:

Blog: “coisa de velho”?

Adolescentes estão perdendo interesse nos blogs, indica pesquisa

Os internautas mais jovens estão perdendo o interesse nos blogs e se voltando cada vez mais para formas mais curtas e portáteis de comunicação pela rede [...].

Segundo o estudo feito pela Pew Research Center, o número de jovens internautas americanos entre 12 e 17 anos que escrevem blogs caiu de 28% para 14% desde 2006.

Os adolescentes que disseram ter feito comentários em blogs de colegas caiu de 76% para 52% no mesmo período. [...]

A pesquisa indica que os adolescentes vêm preferindo colocar postagens curtas em sites de redes sociais ou de micro-blogging, como o Facebook ou o Twitter, ou acessar a internet pelo telefone celular. [...]

Se por um lado a popularidade dos blogs tradicionais vem caindo entre os mais jovens, segundo indica a pesquisa, os dados mostram um envolvimento cada vez maior dos adolescentes em redes sociais na internet. [...]

De acordo com o estudo da Pew, 73% dos adolescentes americanos disseram usar sites de relacionamento social atualmente, contra 55% em novembro de 2006 e 65% em fevereiro de 2008. [...]

(O Globo, 4/2/2010. <http://oglobo.globo.com/tecnologia/adolescentes-estao-perdendo-interesse-nos-blogs-indica-pesquisa-3058080#IXZZ1KCXLCWPK>)

Figura 3: texto sobre o *blog* apresentado na seção do gênero comentário. Cereja e Magalhães (2013, p. 177)

O propósito para o uso do texto “Blog: coisa de velho?” no livro parece estar claro: justificar o trabalho com gênero *comentário online*, nitidamente colocado como mais popular do que as postagens em *blogs* tradicionais. A respeito deste ponto, nossa crítica recai sobre o modo como as práticas de linguagem desenvolvidas em redes sociais como *Facebook* e *Twitter* foram comparadas às práticas desenvolvidas em *blogs*. Acreditamos que os *blogs* nunca foram tão atuais: o número de *blogs* que atendem a diversos propósitos comunicativos é crescente. São *blogs* políticos, pedagógicos, *blogs* de culinária, de leitura, *blogs* jornalísticos, publicitários, esportivos etc. A blogosfera é um espaço acessível a todo tipo de público.

Podemos atribuir ao *blog político/jornalístico* a crescente mudança na concepção do *blog* como diário pessoal virtual. Conforme Miller (2012, p. 96):

A recente visibilidade dos *blogs* provém menos daqueles que se parecem com diários pessoais, do que da crescente presença dos *blogs* na vida política e nos negócios públicos. Enquanto o *blog* pessoal se vale das tecnologias de interação e conexão da internet no interesse da construção de identidades, essas mesmas capacidades têm tido outros usos, que têm a ação e a mudança social como metas.

Falar o que se pensa publicamente virou moda, e o *blog* foi o espaço pioneiro para esta prática, ele ainda tem grande representatividade para as diversas esferas de atividade humana, principalmente àquelas que visam a participação social. Afinal, nem tudo que se pensa cabe em uma postagem curta ou em um comentário em redes sociais. Para exemplificar essa representatividade, podemos citar os *blogs* do portal G1 de notícias da Globo.⁴

Considerações finais

Não podemos afirmar que todos os livros de Língua Portuguesa continuam trazendo os gêneros mais famosos da internet em suas propostas e deixando de lado outros gêneros que temos produzidos através da internet. O que conseguimos observar através de nossa pesquisa, no entanto, nos diz que as mudanças pelas quais os gêneros e as diversas práticas de atividades sociais vêm passando já podem ser percebidas no discurso dos autores de livros didáticos. A presença, por exemplo, da abordagem do gênero *comentário online* já é um avanço se considerarmos que em um tempo não muito distante, o *e-mail* era o único gênero mencionados pelos livros. Além disso, observamos que os gêneros começam a ser tratados de acordo com os elementos que os constituem, o tema, o estilo e a construção composicional (BAKHTIN, 2003), e não se reduzem mais à comparação entre o *e-mail* e a carta, o *blog* e o diário, o *chat* e a conversa.

O livro analisado tem grande representatividade no PNLDEM (Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio), e por isso acreditamos em sua representatividade entre os professores de nosso país, afinal ele foi, por dois anos seguidos, o livro mais distribuído entre as escolas que participam do programa.

Algumas mudanças ainda precisam ser feitas em relação à abordagem dos considerados “gêneros digitais mais famosos”. A primeira delas consiste em analisar a persistência do *status* de gênero de alguns recursos disponíveis na Internet. O *blog* é, com certeza, um espaço que precisa ser revisitado afim de que possamos reconhecê-lo como uma tecnologia atual e relevante para muitas práticas de linguagem da sociedade contemporânea. O livro parece já fazer esse

⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/>>. Acesso em: 17 de maio de 2017.

reconhecimento, porém ainda está preso a certos costumes teóricos que canonizaram o *blog* como um gênero, como se ele ainda servisse ao mesmo propósito para o qual surgiu anos atrás.

Diante disso, reforçamos a importância deste trabalho para contribuir com a mudança de certos costumes padronizados pelos livros didáticos, com o objetivo de ajudar na formação continuada dos professores e na formação dos futuros educadores, sobretudo acerca dos gêneros da internet – tema ainda pouco expressivo nos cursos de licenciaturas. Outrossim, salientamos que o livro didático ainda é um dos recursos pedagógicos usado quase que exclusivamente por muitos professores de nosso país e pensar mais sobre o seu conteúdo faz-se necessário.

THE *BLOG* APPROACH IN THE TEXTBOOK

ABSTRACT: This paper reflects part of the results of a research that sought to analyse the approach of internet genres in the textbook. It aims to analyse the statements that characterize the weblog as a tool when they classify it as digital genre. It is assumed as theoretical assumptions about the discursive genres the theory of Bakhtin (2003), and Miller (2012) regarding internet genres. The results indicate that the blog is considered as internet genre by the authors of the textbook, nevertheless the description of its characteristics conceives it as a tool of diffusion of other genres.

KEYWORDS: Discursive Genre. Internet genre. Blog. Textbook.

Referências

ARAÚJO, E. V. F. *Uma análise dos gêneros digitais presentes nos livros didáticos do ensino médio*. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 19, n. 57, set./dez. 2013. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, V. M. O. C. *Gêneros digitais em manuais didáticos de Língua Portuguesa*. Dissertação de Mestrado (Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

CAIADO, R. V. R. *“meuqueridoblog.com”*: a notação escrita produzida no gênero weblog e sua influência na notação escrita escolar. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.

CAIADO, R. V. R. *Novas tecnologias digitais da informação e comunicação e o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa*. Tese (doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*, 1. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2013. ISBN 978-85-02-19431-1.

DIAS, S. C. *Gêneros digitais nos livros didáticos de Língua Inglesa. Recorte – Revista eletrônica*, v. 12, n. 1, jan/jun, 2015. p. 1-21. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2012>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MASCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: Marcuschi, L. A; XAVIER, A.C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p.15-80.

MILLER, C. *Gênero e Internet*. In: MILLER, C. *Gênero textual, agência e Tecnologia: estudos*. DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Orgs.). Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 57-112.

OLIVEIRA, A. V. A. *Os gêneros digitais no livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Médio*. Domínios de Lingu@gem, v. 8, n. 1, jan./jun. 2014. Disponível em: <www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/download/24242/14633>. Acesso em: 28 ago. 2016.

SILVA, R. V. *Os gêneros digitais no livro didático de Língua Portuguesa*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

AUTOR. *Dissertação* (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2017.

SILVA, F. V.; BARBOSA, M. S. M. F. *Da tela ao papel: os gêneros digitais blog e e-mail em Livros Didáticos de Língua Portuguesa do ensino médio*. *Calidoscópio*, V. 13, n. 1, p. 27-37, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2015.131.03>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

Data de Submissão: 08/11/2017

Data de Aprovação: 27/12/2017